



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 13

Definições

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

A gente fica muito mais tranquila na vida quando as coisas são definidas, né? Tudo no devido lugar.

As pessoas são quem a gente acha que elas são e as coisas são com os nomes certos.

Mas a entropia do universo é tamanha, que, com o tempo, pouca coisa fica de pé. Nem as coisas, nem as pessoas, nem a gente mesma.

Nessa semana, a gente traz duas histórias de definições em transformação.

Quem conta a primeira é a Natália Silva.

Natália Silva: No dia em que a Gaía Passarelli fez 10 anos, ela recebeu um presente de aniversário com sigilo de 30 anos. Ela ia ter que esperar o triplo do que ela tinha vivido até ali pra poder botar as mãos num livro, que tinha uma carta dentro...

Gaía Passarelli: Então, a carta quem me deu foi minha tia-avó, irmã do meu avô, a tia Eucléia. Quando eu fiz dez anos, ela me deu esse livro que está aqui: *Cores e Palavras*, do José Paulo Moreira da Fonseca, é um livro de arte e que tem uma carta escrita na folha de rosto, numa letra bem miudinha, que ela escreveu e entregou pra minha mãe falando: "Você guarda e dá de presente para Gaía quando a Gaía completar 40 anos".

Natália Silva: E a mãe da Gaía cumpriu a promessa. Guardou o livro durante todos esses anos, carregou ele pra lá e pra cá em mudanças de casa, e entregou para Gaía em 2017, quando ela fez 40 anos.

Gaía Passarelli: Ela guardou esse tempo todo, me entregou e eu fiz "putz"... já tinha acontecido tanta coisa, que eu falei "não sei se eu quero ler. Será que eu quero ler?"

Natália Silva: E... não leu. Agora Gaía tá com 45 anos e o livro continuava lá, fechado, com a carta dentro. Ela contou essa parte da história no Twitter – de ter recebido a carta e deixado ela guardada. Um monte de gente curiosa respondeu o tweet dizendo o óbvio. Vai lá ler a carta agora e volta aqui pra contar para gente. Mas eu, que sou uma pessoa profissionalmente curiosa, falei... não. Quem vai dar esse furo de reportagem – desse sigilo de 30 anos – sou eu. Eu tomei coragem, em nome do ofício jornalístico, e mandei uma mensagem pra Gaía. Comecei bem... errando o nome dela.

***Natália Silva:** Oi, Gaia, tudo bom? É... o podcast é uma coisa meio difícil de explicar...*

Natália Silva: Chamei ela de Gaia, sem acento. Mas é Gaía, com acento no i. Conteí o que era o Rádio Novelo Apresenta – o podcast meio difícil de explicar – e perguntei se ela não queria ler a carta comigo. Primeiro ela me mandou uma mensagem explicando que era é Gaía, com acento no l... depois ela me mandou um áudio.

***Gaía Passarelli:** Oi, Natália. Que loucura! Mas sim... acho que sim. A gente... pode falar sobre isso sim. Eu acho que, na verdade, serve até como um incentivo para eu ler a carta, né.*

Natália Silva: Em nome do jornalismo, eu peguei o gravador e fui até a casa da Gaía pra dá o incentivo.

Ela mora num apartamento térreo, espaçoso, cheio de móveis e objetos que claramente não saíram de uma loja de decoração qualquer, sabe? Ela é tipo aquelas pessoas que vão fazendo um garimpo cuidadoso, sem pressa, em várias lojas de vários lugares diferentes. É o tipo de casa onde você entra e consegue sacar quem mora ali sem pensar muito.

Na sala, em cima de uma mesa grande, de madeira, eu vi o livro. Ela tinha postado uma foto da capa no Twitter e eu a reconheci. *Cores e Palavras*, do João Paulo Moreira da Fonseca. A capa é quase toda cinza, a não ser por uma pintura de uma varanda com uns tons de azul e marrom.

Eu e a Gaía sentamos na mesa, uma de frente pra outra, com o livro no meio. E ele ficou ali, fechado, por umas três horas. Porque eu não queria que ela abrisse antes de eu conseguir entender o que aconteceu naqueles 30 anos pra ela manter aquele livro ali, fechado, em vez de abrir logo e ler a carta assim que a mãe dela entregou o livro. E eu queria entender que tipo de pessoa faria isso.

Eu comecei pela pergunta mais básica. Por que o acento no l?

Gaía Passarelli: Gaía, com acento no i, é uma invenção da minha mãe. (risos)

Natália Silva: A mãe da Gaía, bem hippie, queria que ela tivesse um nome diferente. Podia ter sido Gaia...

Gaía Passarelli: Porque Gaia é a entidade grega da Terra, que representa a Terra.

Natália Silva: Mas ela botou um acento e virou Gaía. Nada convencional, pra combinar com o resto da vida nada convencional que ela e o pai da Gaía levavam.

Gaía Passarelli: Jovens músicos bem, bem libertários, assim...

Natália Silva: Que engravidaram sem planejar... mas aconteceu. Em 1977, a Gaía veio ao mundo. De um jeito bem alternativo também...

Gaía Passarelli: Eu nasci de parto leboyer na Clínica Tobias, em São Paulo. Parto leboyer é um tipo de parto no escuro, com temperatura controlada, luzes controladas, um ambiente controlado que a ideia é que a criança faça a passagem do útero materno para o mundo da forma menos traumática possível.

Natália Silva: Só que a passagem da Gaía do útero pro mundo acabou sendo bem traumática. Poucas horas depois que ela nasceu, um tio dela... que era médico, sacou que tinha alguma coisa errada.

Gaía Passarelli: Identificou os sintomas, falou o que essa criança tem é meningite, ela precisa ir para um hospital e precisa sair da maternidade e ir para um hospital agora, se não, ela não vai passar de algumas horas.

Natália Silva: Isso não foi culpa do parto alternativo. Quer dizer... o fato de a Gaía e a mãe dela não estarem num ambiente super séptico de um hospital pode ter ajudado. Mas o contexto todo não era bom.

Nos anos 70, o Brasil teve um surto de meningite. O governo militar tentou esconder o problema da população durante um tempo, mas a coisa ficou tão grave que, em 1974, o general Ernesto Geisel – que era o presidente – decidiu que era hora de agir. As crianças começaram a ser vacinadas, os casos foram caindo e chegaram a um nível mais controlado em 1977. O mesmo ano que a Gaía nasceu. Só que ela deu o azar de cruzar com a bactéria.

Gaía Passarelli: Com três dias de idade. Então você imagina o peso que isso teve pra todo mundo? Quase morri, etc. Passei meu primeiro ano de vida entre... tomando muita medicação, entre internações, e realmente sobrevivi. E isso foi um peso enorme para a família toda. Era a primeira neta. O primeiro neném na família em sei lá quanto tempo.

Natália Silva: Isso virou meio um marco da família. Ela não era só uma criança. Era uma sobrevivente. Uma vida com um significado maior.

Gaía Passarelli: E os meus avós fizeram uma promessa para Nossa Senhora Aparecida que se eu completasse dez anos de vida, eu iria com eles na Basílica. Eu realmente fui com 15 anos pagar a promessa. Tinha que acender uma vela. Então, eu acho que a coisa... eu acho que tem esse peso, sim, do "olha só o que a gente passou enquanto família lá atrás, mas você continua conosco até aqui", acho que tem, tem isso. Essa coisa do ter sido a criança que sobreviveu sempre foi um pouco pesado... no sentido de ter que ter lidado muito com essas emoções da minha família em relação a mim, é, do tipo a gente está num almoço de domingo e a minha avó começou a falar da meningite e de repente começou a chorar.

Natália Silva: O que a Gaía chama de peso também pode ser visto como uma espécie de carinho. Um carinho excessivo talvez, mas ainda assim... um carinho. E foi nesse mesmo aniversário de 10 anos que a Gaía ganhou a carta da tia. Da tia Eucléia, irmã do avô dela. A Gaía acha que a carta foi dada pra ela com 10 anos pelo mesmo motivo que os avós dela levaram ela até Aparecida: pra celebrar que ela ainda tava ali, apesar de tudo que aconteceu. E a tia Eucléia era próxima da Gaía nessa época. Ela era a tia descolada da Gaía – que já era bem descolada.

Gaía Passarelli: Ela era muito, muito jovial, muito animada, muito engraçada. Muito, ah, ela era aeromoça, bicho, então ela era sempre cheia de história, sempre tinha chegado de algum lugar, de alguma viagem, sempre tinha presente. Mas eu lembro disso, de ela ser uma mulher moderna. E eu só fui descobrir depois de muitos anos depois e depois que ela já tinha falecido, eu nunca soube, que ela era lésbica. E eu não sei o quanto isso também era um drama familiar ou não, porque não era falado quando era criança. Mas enfim, gente, eu nasci em 1977 e eu cresci nos anos 80. Era diferente e estranho. Não que hoje esteja ótimo, mas acho que era pior

Natália Silva: A Gaía lembra que a tia dela tinha sempre uma amiga por perto. Uma amiga que ficava um tempo na casa dela, aparecia em alguns encontros de família, ia nas viagens de férias... e depois sumia. E aí aparecia outra amiga próxima, mesmo esquema. Provavelmente eram namoradas que a tia nunca pôde, ou nunca quis apresentar. E a Gaía era criança ainda, então a Eucléia não falava disso com ela.

E anos depois, quando ela já tinha crescido pra entender, as duas já não eram mais tão próximas. Primeiro, teve um distanciamento natural. A gente se afasta um pouco da família quando cresce mesmo... vira adolescente, fica meio rebelde... Mas a Gaía se afastou mais. Ela foi uma adolescente rebelde de verdade. Que deu problema de verdade pra família.

Gaía Passarelli: Eu fui uma adolescente muito difícil, que eu chamaria de delinquente juvenil. Fugi da escola, fugi de casa, enfim, tudo que é permitido e

não é permitido aprontar na adolescência eu a partir dos 13 anos fui embora. E o meu avô, sempre muito preocupado comigo, tentando me trazer de volta para o seio familiar, ele usava muito esse argumento do... você teve uma segunda chance na vida e você tem a obrigação de fazer o melhor com essa segunda chance que você recebeu de Deus. E eu... "foda-se a segunda chance, me deixa em paz", porque eu era uma jovem rebelde.

Natália Silva: Em um desses anos rebeldes da Gaía, a tia Eucléia... descolada, viajada, aeromoça, livre, lésbica... com quem talvez ela pudesse ter conversado mais, sofreu um derrame.

Gaía Passarelli: A minha tia Eucléia, ela sofreu um derrame quando ela... ela morava sozinha no Guarujá e ela sofreu um derrame que foi muito grave. Ela ficou, perdeu os movimentos do corpo. Ela passou os últimos anos da vida tetraplégica, acho que tetraplégica, ela só mexia a metade direita do rosto. Ela obviamente mudou muito, né, ela se tornou uma pessoa muito amargurada também. Muito... é isso, muito amarga e com atitudes muito amargas. De... enfim, de falar mal de parentes, de criar intriga entre parentes, de se meter numas histórias que não eram dela, coisas, coisas assim...

Natália Silva: Coisas assim... uma das histórias que a Gaía me contou, que parece ter machucado bastante ela, envolve coisas que até hoje não quer que ninguém saiba. Mas que a tia dela deu um jeito de descobrir. Ela falou para Gaía ir numa taróloga amiga dela pra conversar sobre a vida, depois de uma fase complicada. A Gaía foi, junto com a irmã dela. E as duas confidenciaram várias coisas super pessoais pra taróloga. Que contou tudo pra tia Eucléia. Que foi lá e contou tudo pro avô da Gaía... coisas que eram dela. Problemas dela, da vida dela. Isso afetou a relação da Gaía com o avô, que era uma figura super importante pra ela. Ele ficou chateado, preocupado... e a Gaía ficou com raiva da tia Eucléia. Achou que ela não tinha o direito de fazer aquilo. E não tinha mesmo.

Gaía Passarelli: E isso foi, enfim, drenando a relação que a gente tinha.

Natália Silva: As outras pessoas da família também acabaram se afastando da tia Eucléia. O único que continuou perto foi o avô da Gaía. E a Gaía nunca entendeu como ele conseguia continuar próximo... mas acha que é porque eles eram irmãos, enfim, talvez ele se sentisse mal por ela ter sofrido um derrame e perdido a liberdade dela. Mas, tirando ele, não sobrou ninguém.

Gaía Passarelli: Bicho, meio morreu sozinha, cuidada pela cuidadora... eu lembro do velório dela. Ela fazia questão de ser cremada, e eu lembro do meu avô muito abatido. Eu lembro dos outros parentes meio... "é, né, foi". Mas todo mundo veio, tipo: "tá bom, que horas vai acabar aqui, que horas que a gente vai embora", porque tem um pouco isso... a Eucléia, com o passar dos anos, ela foi deixando de ser uma tia querida para ser uma pessoa com quem todo mundo tinha uma história ruim, pelo menos dessa forma... vô, vô, desculpa, pelo menos essa é a forma que eu vejo.

Natália Silva: Era por causa de toda essa história que aconteceu depois que a tia Eucléia tinha dado o livro de presente, que a Gaía tava se perguntando...

Gaía Passarelli: Será que eu quero ler? Eu já tinha uma lembrança ruim da Eucléia, que já faleceu... mas os últimos anos de vida dela não foram bons, a gente teve uma péss.. né, a relação legal que a gente tinha tido na infância, se perdeu e nunca me deu vontade de ler. No entanto, em todas as mudanças de casa, quer dizer, na mudança de casa que eu fiz nos últimos anos, foram duas, eu encontrei o livro nas minhas coisas e dá aquele tipo "o livro está lá, vou ter que ler". Em algum momento, eu comentei no Twitter outro dia e enfim, aqui estamos.

Natália Silva: Vamos ler?

Gaía Passarelli: Vamos ler a carta? Vamos! Será que... nossa, tia Eucléia, aconteceu tanta coisa quando escreveu essa carta... olha, tem um... a Siciliano, nem existe mais, né?

Natália Silva: Não, há muitos anos... (risos) Siciliano era uma livraria que fechou há muitos anos. Foi lá que a Eucléia comprou o livro. Tinha uma etiqueta.

Gaía Passarelli: *Cores e palavras*, nossa, diário de viagem! Eu nunca abri esse livro... Por que é um diário de viagem? O trem da manhã, sabe por que isso é maluco? Porque eu depois cresci para ser escritora de viagem, né, eu tenho um livro de relatos de viagem publicado...

Natália Silva: O livro de viagem da Gaía chama *Mas você vai sozinha?*, e foi publicado pela Globo Livros em 2016. Mas de volta pro *Cores e Palavras*...

Gaía Passarelli: Bom, é um livro super bonito, que tem essas pinturas lindas que realmente me parece o tipo de pintura que a tia Eucléia gostava... desse cara chamado José Paulo Moreira da Fonseca. E tem pinturas e uns poemas, ele também era poeta? Não sei, depois vou precisar pesquisar.

Natália Silva: O José Paulo Moreira da Fonseca era pintor e poeta. O *Cores e Palavras* é uma mistura de pinturas e poesias dele. Eu comprei um exemplar pra mim num sebo. O livro não é muito grosso, mas é largo... do tamanho de uma folha A4 mais ou menos. E ele se organiza como uma viagem ao longo da obra dele, mas também ao longo de um dia. Como se começasse de manhã e terminasse na madrugada seguinte. A primeira pintura parece um amanhecer suave, e a última, um céu de fim de tarde bem laranja.

Quase todos os poemas são bem curtos. Um ou outro é maior. E tem um deles, bem grande, que é uma carta. Que o José escreveu para uma amiga dele, chamada Maria Lúcia.

Eu achei engraçado ter uma carta do próprio autor dentro de um livro que a Eucléia escolheu pra abrigar a carta dela. É impossível saber se foi caso pensado... mas eu fiquei achando que as duas cartas se conversam.

Eu juro que você já vai ouvir a carta sigilosa de 30 anos. Mas presta atenção nesse pedacinho da carta do José Paulo... diz assim...

"As palavras, como centro de gravidade, mantêm um nimbo de silêncio."

Nimbo é uma palavra pra se referir a nuvem. Então, uma nuvem de silêncio. Aí ele continua:

"Quase-palavras, vagos satélites movendo-se a perder de vista. Refiro-me, sobretudo, às palavras usuais como: casa, mar, vida, árvore, tristeza... que latejam na profundidade da noite interior e que sorvem significados da história de cada um de nós.

São palavras humanizadas, confundem-se conosco."

O José Paulo chama atenção para as palavras usuais. Guarda essa informação.

Gaía Passarelli: Bom, vamos lá.

Natália Silva: Meu deus!

Gaía Passarelli: Não falei que era longo? É... ai, gente, vai ser bem difícil ler isso aqui. Enfim, tá na folha de rosto escrito em letra bem miudinha, Tia Cleia... Ela chamava Eucleia, mas a gente a chamava de Cleia. 28 de fevereiro de 87. Gente, tá errada a data. Tá escrito dedicatória para você ler daqui a 40 anos, então era para ler quando tivesse 50.

Natália Silva: Você tem quantos?

Gaía Passarelli: 45!

Natália Silva: Me deu um medo da Gaía fechar o livro e dizer "volta em cinco anos". Mas a gente já tava ali. E a situação já tinha saído um pouco do controle...

Gaía Passarelli: Tia, eu tô adiantando um pouco (risos). Mas enfim, tia, hoje em dia existe uma coisa chamada Twitter e podcast e a situação saiu com um pouco do controle. A primeira coisa que eu notei aqui é que a minha tia escreveu uma nada errado. Tá escrito Gaia, meu nome é Gaía com acento no I.

Natália Silva: A tia Eucléia também começou bem...

Gaía Passarelli: Isso é uma parada que me persegue... (risos) Mas tudo bem, tia, não tem problema... Mas, vamos lá. "Gaía, pessoinha linda e maravilhosa por dentro e por fora. Hoje, completando sua primeira década de vida, que contém um mundo, dois mundos, muitos infinitos mundos. O mundo da percepção, do sorriso gostoso e aconchegante da mamãe com quem você sempre... com quem você sabe sempre poder contar. Do eterno olhar maravilhado e encantado do papai, ambos descobrindo e revelando a vida a você. Seu primeiro..." – é, gente vai ser difícil de ler... – "seu primeiro sorriso, suas primeiras falas e gracinhas, engatinhando, andando. A primeira visão do

mar. A areia, as ondas, o primeiro banho. Itanhaém, que delícia!" Ela falou Itanhaém porque é onde minha avó materna morava. "O vovô abobado, brincando de fazer bolo às três horas da madrugada, o outro vovô que já partiu" – o meu avô Toninho, que morreu quando eu era criança. Eu lembro dele, mas eu lembro pouquíssimo. "A chegada de mais um pedaço fantástico de você, Joy, sua irmãzinha querida. Os bichos, gatos e cachorros, vacas, cavalos, leões, elefantes, macacos." Porque a minha mãe sempre teve muito bicho, muito gato, cachorro. "Os pássaros com seus vôos lindos, inocentes e coloridos. As borboletas e vagalumes. O incrível mundo dos insetos, o sol, a lua, as nuvens, estrelas, galáxias e os homens com suas naves espaciais. O azul do céu, Campos do Jordão" – onde ficava a casa do meu avô... "A chuva, a neblina de Ribeirão" – Ribeirão Pires, onde a gente morava... "o vento, relâmpagos, trovões, a Fazenda, o encantado mundo das flores e plantas. Tantos verdes e folhas, tanta cor, cores, cores e bonitas cores, um nunca acabar de cores. A familiagem toda. Os amigos, as amiguinhas, aqueles tempos por ver que às vezes as pessoas crescem rápido demais. As primeiras letras, palavras, frases, textos, histórias, festinhas de aniversário. Como hoje, 28 de fevereiro de 1977, ano do Plano Cruzado, furado. Aquela matemática às vezes complicada. A mágica do circo, da TV, do teatro, das músicas, do cinema, dos livros" – que bonito, ela fez... ela sublinhou "livros". "Puxa, Gaiazinha querida, quanta coisa linda, não? Pena que não dá pra falar de tudo e de todos, mas quanta vida e descobertas que só a você pertencem. Só você sabe bem delas, porque elas estão aí, bem aí, dentro do seu coraçõzinho e da sua cabecinha. São as impressões e lembranças dos primeiros dez anos da sua vida, da sua primeira década, que te acompanharão para sempre. Graças a esse computador inestimável que você possui, seu cérebro. Cuide bem dele, cultive-o sempre como o mais caro, a raro e delicado tesouro que você possui. Ele te revelará maravilhas, é uma máquina encantadora, mágica e poderosa que te fará viajar por esse mundo que você começa a descobrir através dos cinco restritos sentidos chamados de beta. Tato, paladar, olfato, ouvido e visão. Oras, atenção, se você cuidar com respeito, carinho, amor e zelo desse teu cérebrozinho, você vai sentir que ele vai crescer, crescer, crescer e te projetar a mundos tão encantados que você hoje nem pode imaginar que existam. Eu sei que você chegará lá. Parabéns pelos seus dez lindos primeiros anos, meu anjo, alegria e encanto da sua tia Eucleia. São Paulo, 28 de fevereiro de 87, Brasil, América do Sul, Oceano Atlântico, planeta Terra, nossa nave mãe, Sistema Solar, Via Láctea, infinito".

Natália Silva: Nós duas ficamos um pouco em silêncio depois disso. Emocionadas as duas, mas por motivos diferentes.

A Gaía chorou mais quando leu algumas palavras específicas... tipo "livros", porque ela virou escritora. E "Campos do Jordão", porque era lá que ficava uma casa de campo do avô dela que a família acabou tendo que vender depois.

Pra mim, livros eram só livros. E Campos do Jordão era só uma cidade turística.

Foi por isso que a carta do José Paulo me chamou a atenção. Ele fala sobre como palavras usuais – casa, mar, vida, árvore – absorvem significados da história de cada um de nós.

A tia Eucléia não tinha como imaginar como essas palavras iam ressoar no futuro, na Gaía de 45 anos. No peso que a palavra "cérebro" ia ganhar por causa de tudo que aconteceu com ela mesma.

Gaía Passarelli: É bem a cara dela. Que lindo, né? Que bom que ela deixou esse recado, porque quando ela partiu a gente não estava em bons termos.

Natália Silva: A memória que a gente guarda das pessoas que partiram da nossa vida não é estática, mesmo que elas já tenham morrido. O futuro pode mudar completamente a forma como você vê uma coisa que aconteceu anos atrás. Tem um ditado iorubá que diz assim: "Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje".

Confuso, né?

Matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje.

É um ditado que desafia a linearidade do tempo.

Assim como a Eucléia fez.

Gaía Passarelli: É isso. Essa é a Eucléia que eu lembro da minha infância mesmo, não é a Eucléia que veio depois. Eu senti uma lembrança dela que eu tinha perdido... dela ser, de ela ter sido essa pessoa que gostava muito do mundo, que gostava muito de viajar, que gostava muito de arte, gostava muito de música, gostava de livro. E entendo esse recado que ela deixou como um incentivo para o futuro, para continuar me conectada com essas coisas, que são coisas importantes, que ela sabe que são importantes, sabia que são importantes.

Natália Silva: Você vai lembrar dela assim?

Gaía Passarelli: Ah vou vou lembrar dela assim. Lembrar dela assim, lembrar dela como Tia Eucléia dos meus dez anos de idade. [01:18:05]

Natália Silva: E você consegue perdoar sua tia por quem ela se tornou? [01:20:17]

Gaía Passarelli: Ah, sim. Com toda certeza, consigo, consigo.

Gaía Passarelli: E assim, o que ela passou fisicamente ali, putz, quem sou eu para julgar? Também né, não imagino, não sei dizer o peso que isso, a transformação que isso causa. Se a vida fosse um filme, isso transformaria ela em uma pessoa maravilhosa e muito aberta e não sei o quê, mas a vida não é um filme, às vezes leva a gente para um outro lado.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora da Novelo.

A nossa segunda história de hoje tem a ver com definições em dois sentidos: com se definir e com ser definido pelos outros.

Se definir é um processo que pode levar a vida toda.

Já ser definido pelos outros pode acontecer num segundo.
No tempo que leva pra dizer “alô”.

Com vocês, a repórter Dani Avelar.

Dani Avelar: Uma vez, quando eu tinha uns cinco anos, eu atendi o telefone e a pessoa do outro lado da linha me chamou de princesa. Na época, eu achei graça. Hoje, eu só queria que isso acontecesse mais vezes.

Não literalmente, quer dizer. Eu não sou obcecada por princesas – tipo a Damares Alves, que sempre dá um jeito de falar de Frozen.

***Damares Alves:** O desenho Frozen eu assisti. Ele até é um desenho bonito, tem muita música...*

Dani Avelar: Não é isso. Tanto faz as princesas.

O que eu queria é que a pessoa do outro lado da linha acertasse a minha identidade de gênero. Eu queria que bastasse um "Alô" pra deixar claro que eu sou A Dani, e não O Dani.

Eu queria conseguir entrar num táxi, dar bom dia, boa tarde, boa noite... e não ter medo de ser agredida porque o taxista percebeu alguma coisa diferente na minha voz. Alguma coisa que não encaixa na ideia dele de como as pessoas deviam ser. É complicado abrir a boca pra falar e ver uma expressão de confusão no rosto de quem me escuta. Na hora, eu sei o que essa pessoa tá pensando. É um homem? Ou é uma mulher?

No caminho entre o dia em que eu fui chamada de princesa e hoje, teve uma puberdade. E a puberdade costuma ser um período confuso na vida das pessoas.

No meu caso, eu entrei com uma voz fina — voz de criança, né — e saí do outro lado com uma voz grossa.

O que não era um problema... até o momento em que eu me toquei que meu jeito de existir nesse mundo era outro. É que minha voz não combinava com ela... com a travesti que eu sou.

Depois que eu comecei o meu processo de transição de gênero, eu fui percebendo que esse lance da voz não era um problema só meu.

Eu sou jornalista. Um tempo atrás, eu entrevistei um cara de 17 anos que tava fazendo a transição dele, usando testosterona – um hormônio que, entre outras coisas, acaba engrossando a voz.

Mas a testosterona teve um efeito colateral.

O cabelo dele começou a cair muito. Então ele parou de tomar a testosterona durante um tempo.

Ele tava num limbo ali, sem saber o que fazer. E na hora d'ele dar a entrevista, ele tava tão desconfortável com a própria voz que ele só topou conversar por mensagem de texto.

Não era só que ele não queria que eu ouvisse a voz dele. Ele não queria se escutar também.

É uma questão de disforia causada pela voz.

Disforia é o termo que a gente usa pra descrever o desconforto que uma pessoa sente pelo descompasso entre as características corporais dela e a identidade de gênero dela. Com a forma como ela se enxerga.

O moço que eu ia entrevistar tava sofrendo com essa disforia que ele sentia toda vez que ele abria a boca.

Eu mesma cheguei a tentar “consertar” a minha voz, entre aspas. Ali no começo da minha transição, eu fiz sessões de fonoaudiologia pra deixar minha voz mais aguda. Se você fizer exercícios vocais, isso pode aumentar a amplitude tonal. Deixar você mais próximo do som da sua identidade de gênero. Eu não sentia tanta diferença, mas as pessoas próximas diziam que sentiam.

Só que, depois de um tempo, eu comecei a sacar que, pelo menos no meu caso, a minha voz nunca ia caber perfeitamente na caixinha do que a sociedade entende como feminina. Porque é uma caixinha realmente muito pequena. Quanto mais eu parava pra pensar sobre ela, menor ela parecia. Então eu parei de tentar.

Não é que eu não gosto da minha voz. Não é que eu “desisti” dela. Pelo contrário. Eu sempre gostei de música, desde pequena, mas eu nunca me sentia à vontade pra cantar. Eu nem sabia dizer por quê.

Mas depois da transição isso mudou.

Agora, eu uso os exercícios que eu aprendi com a minha fono pra aquecer a voz antes de cantar.

Dá pra dizer que a transição ajudou a soltar minha voz, mesmo que não seja a voz que as pessoas esperam de mim.

Olívia Lopes: Dani, é... eu nunca tive grandes problemas com a minha voz pós transição. Problemas, eu digo questões assim, sabe, inseguranças relacionadas a minha voz falada, pelo menos, né. Antes da transição, sim.

Dani Avelar: Essa é a Olívia Lopes. Ela é atriz, roteirista e cantora. A Olívia sempre gostou de cantar.

Olívia Lopes: A minha mãe, ela sempre cantou, e eu admirava muito a minha mãe em tudo assim. Eu admirava meu pai e minha mãe. Amava os dois, mas a minha mãe tinha aquela coisa de me identificar com as coisas que ela gostava, por ela ser do gênero feminino, e eu me identificar com o gênero feminino.

Dani Avelar: Além da mãe dela, a Olívia se espelhava em outras figuras fundamentais na vida de uma criança. As princesas da Disney. A Olívia adorava imitar elas cantando. Só que – ao contrário da maioria das crianças que cantam a música de Frozen na frente da TV meio esgoelando – a Olívia cantava bem de verdade.

Olívia Lopes: "Nossa, você canta bem", "nossa, que bonitinha, ela canta bem". E aí eu fui querendo fazer mais. E foi assim.

Dani Avelar: E foi assim que ela acabou entrando pro coral da Igreja.

Olívia Lopes: Eu fui uma criança cristã, uma criança e uma adolescente cristã... E o problema não foi em ir à igreja assim na minha adolescência, nem foi um problema para mim... eu gostava de cantar na igreja e tal.

Dani Avelar: Apesar de cantar bem, tinha uma coisa na voz da Olívia que incomodava quem ouvia.

Olívia Lopes: Na infância, a minha voz já era aguda para uma criança que era considerada um menino. Mas eu me lembro que eu gostava da minha voz aguda, apesar de ela causar incômodo nas outras pessoas. Diziam que eu tinha que falar igual a um menino, né, igual homem, que eu não estava me expressando como um menino... e isso gerava grandes problemas na minha família, porque a minha família sempre foi bastante conservadora. Eu nunca fui agredida fisicamente por causa disso, mas a repressão, ela esteve presente desde o primeiro momento, assim, desde que eu me entendo por gente, eu me sinto reprimida a não agir de tal maneira, não fazer tal coisa, não brinque com tal brinquedo, não pegue essas coisas, não faça isso, não faz aquilo, fale de... sabe? E a minha voz, ela participou disso.

Dani Avelar: A gente já falou aqui da disforia, né?

Do desconforto que uma pessoa pode ter com o próprio corpo, com a própria voz. Mas não era a Olívia que não gostava da voz dela.

Eram os outros. A família, as pessoas da igreja... Isso também tem nome, e rima com disforia: transfobia.

Olívia Lopes: Sim, sempre houve. Sempre tentaram colocar a minha voz em um lugar mais grave do que a que ela é, ou do que ela era, ou até mesmo do que eu queria. Se eu quisesse experimentar tipo tons mais agudos, nem nem me era permitido. Sabe, porque essa aqui é a voz das meninas.

Dani Avelar: ... e ter a voz parecida com a das meninas não era exatamente um problema pra ela...

Olívia Lopes: Eu não sabia que eu era trans. Eu sabia que eu não queria ser um menino.

Dani Avelar: Nesse mundo da infância da Olívia só existiam esses dois times. Meninos e meninas. Se ela não queria ser menino...

Olívia Lopes: Eu me lembro de, na adolescência, com 15, 16 anos, eu procurar hormônios na internet. E eu não sabia que eu era trans. Mas sabe o que eu queria dizer? Eu comecei a procurar sobre os hormônios porque eu queria... Eu não queria desenvolver as características masculinas, tipo eu queria parar aquilo, sabia, eu queria ter assim as características das meninas.

Dani Avelar: Na puberdade, aconteceu com a Olívia o que acontece com pessoas com cromossomos XY nessa fase: uma explosão de testosterona. Ela desenvolveu características masculinas. Mais altura. Mais largura. Mais pelos. E uma voz mais grossa... Mas, no caso dela... nem tanto.

Olívia Lopes: Na adolescência, eu acho que as pessoas simplesmente desistiram de chamar a atenção por isso, tirando os meninos da escola, os meninos da escola sempre pegaram muito pesado comigo em relação à minha voz. Sempre fizeram piadas do jeito que a minha risada soava, né, então, se eu pudesse, desse uma risada dentro da sala, um dos meninos imitava a minha risada e todos caíam na gargalhada, né? Mas isso não me fez querer talvez mudar o registro vocal, porque eu gostava da minha voz. Então foi assim que eu segui.

Dani Avelar: A Olívia ainda não sabia o que isso tudo significava...

Olívia Lopes: Eu não sabia que eu era trans, não sabia nem, eu não sabia direito, nem nem o que significava isso. O que eu sabia é que tinham pessoas LGBTQUIAP+ ao meu redor, e que a minha família era extremamente contra.

Dani Avelar: Se a Olívia soubesse naquela altura da vida que ela era uma pessoa trans, ela podia ter começado o processo de transição ali – antes da enxurrada de testosterona na adolescência.

Crianças e adolescentes trans podem tomar bloqueadores de puberdade, que são medicamentos que retardam esse processo. Se a pessoa para de tomar os bloqueadores, o corpo volta a produzir os hormônios. Ou seja, é um tratamento seguro e reversível.

Mesmo assim, só tem cinco estabelecimentos do SUS no país inteiro que oferecem esse procedimento. No Norte e no Centro-Oeste não tem nenhum.

Dani Avelar: E é a pergunta que eu queria te fazer. Se você, aos 12 e 13 anos, tivesse tido a oportunidade de começar a sua transição por meio de bloqueadores de puberdade, é algo que você gostaria de ter feito?

Olívia Lopes: Sim... desculpa, eu acho que eu vou chorar... com certeza. Sem sombra de dúvida eu teria feito a minha transição muito antes, assim...

Dani Avelar: Eu perguntei pra Olívia sobre os bloqueadores de puberdade porque eles são uma opção pra intervir antes de tudo mudar.

Depois da adolescência, não tem como fazer o relógio do corpo andar pra trás, desfazer o que os hormônios fizeram. Você tem menos opções.

Pra voz, por exemplo, além da fonoterapia, dá pra operar as cordas vocais. Mas, além de ser um procedimento invasivo, é bem caro.

Se os bloqueadores de puberdade estivessem disponíveis quando a Olívia era criança... Se ela pudesse ter se entendido enquanto trans... Se a família dela soubesse disso e aceitasse a identidade dela... São muitos ses, né? A história podia ter sido outra.

A Olívia podia ter ficado com a voz que ela gostava. Eu podia ter ficado com a minha voz de princesa. Mas, assim como eu, a Olívia só começou a transição bem depois da adolescência.

Até então, o jeito que ela achou pra lidar com ela mesma sem ofender a família dela foi literalmente guardando tudo dentro de um armário.

Olívia Lopes: E aí eu acho que eu tive a certeza, plena certeza de que eu era uma pessoa trans aos 24 anos, que foi quando eu comecei a minha transição de gênero. Eu tenho 30, né, então faz aí 6 anos que eu iniciei.

Dani Avelar: Perto dos 20, a Olívia começou a pesquisar pra valer sobre hormonização. No caso das mulheres trans, esse é o processo em que a gente toma estradiol, um hormônio feminino. E algumas de nós também tomamos bloqueadores de testosterona, pra suprimir características vistas como mais masculinas. Mas a Olívia não começou a transição dela por aí.

Olívia Lopes: Eu comecei a querer me montar, eu comecei a querer ir, mas me montava de drag, me maquiava, maquiava que iria ver umas roupas femininas, queria explorar mais meu gênero e não sei o que... tudo isso eu fiz muito escondida, né? Porque eu ainda morava com minha família, até os 24 anos eu morei com a minha família, então tudo isso era muito escondida, eu contei com ajuda de amigos que escondiam as minhas roupas, minhas maquiagens. Eu deixava, escondidíssimo, assim...

Dani Avelar: A Olívia guardava esses adereços todos dela principalmente na casa dos amigos. Mas tinha uma coisa que ela fazia questão de guardar com ela: o primeiro salto alto. O par de sapatos ficava escondido no armário dela, onde ninguém mexia.

Olívia Lopes: A minha mãe, na realidade, sempre foi muito respeitosa com a minha privacidade. Assim, até o momento em que ela começou a achar que havia um problema nisso.

Dani Avelar: Quando a mãe da Olívia sacou que tinha alguma coisa acontecendo – e viu "problema" nisso –, ela começou a fuçar nas coisas da Olívia... E achou

escondido o tal par de sapatos de salto dentro do armário. Ela não falou nada na hora. Até um dia que a Olívia chegou em casa bêbada...

Olívia Lopes: Eu era jovem. Jovens fazem isso, chegam bêbados em casa, e eu cheguei bêbada em casa. Nunca dei trabalho nenhum pra minha mãe. Eu chegava bêbada e dormia. E aí eu cheguei bêbada e acabei esquecendo de guardar o salto. Aí, quando minha mãe acordou no dia seguinte, ela falou assim: "Você nem escondeu o salto, a sua irmã vai ver. Eu acho melhor você procurar um lugar para você porque não dá mais". Esse foi o dia que minha mãe me expulsou de casa. Eu considero que eu fui expulsa, mesmo que ela não tenha falado para eu sair naquele momento, eu considero que eu fui expulsa. Mas ela já sabia onde ficava, depois que eu tinha guardado o salto, ela sabia até onde ele ficava, assim, sabe? Mas esse foi o dia que minha mãe me expulsou de casa, assim, que eu, por um descuido, deixei aparecer que eu era uma pessoa trans...

Dani Avelar: Literalmente quando tava dentro do armário tava tudo bem, né?

Olívia Lopes: Exatamente. Enquanto essas coisas tão assim guardadas, enquanto ninguém fala do assunto, tá tudo bem...

Dani Avelar: A Olívia adora salto. E eu sou meio obcecada, por motivos óbvios, com o jeito como a transfobia funciona.

Na história da Olívia, é tudo tão literal que fica didático. Enquanto a Olívia de verdade tava dentro do armário e de boca fechada, tava tudo bem.

O problema começou quando ela deixou escapar a voz, o salto... a Olívia. Quando ficou difícil pros outros entenderem de que lado da linha – ou em que time – ela tava.

Então, depois desse dia do salto, a Olívia teve que sair de casa, e começou o processo de transição.

E, nesse intervalo de tempo – entre ela sair de casa, e a gente sentar pra conversar – a minha vida e a dela se cruzaram.

A primeira vez que eu vi a Olívia foi num palco... não num palco real. Num palco virtual. Era pandemia. Eu tava em casa, em 2020, e fazia pouco tempo que eu tinha entendido que eu também era uma travesti.

Não teve um dia em que eu acordei e falei: "sou trans". Quem dera fosse assim, um estalar de dedos. Talvez fosse mais fácil... Mas foi um processo. É um processo.

Mas tem um dia chave. Eu tava vendo um filme brasileiro chamado Alice Junior, que é sobre a história de uma adolescente trans que tá querendo ter o primeiro beijo.

Alice Junior

Aluno gay: *Fazer amizade com o travesti do ensino médio passa longe dos meus planos de sobrevivência.*

Alice Junior: *É A travesti do ensino médio. Que bicha escrota...*

Dani Avelar: Enquanto eu assistia, eu comecei a me maquiar.

Eu já tinha sido maquiada por outras pessoas, mas aquela foi a primeira vez que eu me maquiei por conta própria. E aquilo despertou algo novo em mim. Será que eu sou trans?

Às vezes a gente sabe uma coisa num nível intelectual, mas não entende, sabe?
Eu já sabia que pessoas trans existiam, claro.
Mas naquela hora, eu sinto que eu entendi que não existiam só dois lados na vida:
homem e mulher.
E tinha um outro jeito de eu existir.
Vários outros... mas prum mundo dividido em 2... 3 já é uma revolução.
A Olívia entrou na minha história nesse movimento de ver os outros pra conseguir
me ver.
Ela fez parte de um musical, o *Brenda Lee e o Palácio das Princesas*, que começou a
ser produzido na pandemia e tá no YouTube.

Brenda Lee e o Palácio das Princesas

Atriz 1: *A rua é cruel, é sina*

*O perigo te espera a cada esquina
A polícia chacina, pura sanha assassina
Cafetina ensina que sofrer vira rotina*

Atriz 2: *O cliente te quer, menina*

*Na calada da noite é fetiche e ruína
A tentação, excitação, tesão na surdina
O cliente paga mais pra meter sem camisinha*

Coro: *Somos só o medo e eu*

*nesta sala de hospital
E nós nos encaramos
À espera de um sinal*

Dani Avelar: O musical conta a história da primeira casa de acolhimento pra
travestis e pessoas com HIV na cidade de São Paulo.
Ficava na Rua Major Diogo, no Bixiga.
Perto da minha casa, aliás.
O Palácio das Princesas virou uma espécie de santuário da comunidade
LGBTQIA+... numa época em que as travestis eram caçadas.
Caçadas, literalmente mesmo... pela polícia, que prendia elas com a desculpa de
conter o avanço do HIV.

Brenda Lee e o Palácio das Princesas

Brenda Lee: *“A polícia nos persegue, nos tortura e nos mata!”*

Dani Avelar: Brenda Lee era o nome da dona dessa casa.
Da travesti que acolheu todas as outras.

Brenda Lee: *“Chamei os jornalistas aqui hoje para denunciar o
assassinato de travestis aqui em São Paulo...”*

Dani Avelar: Quando eu vi o musical, eu me senti acolhida também. Pela história da Brenda Lee, pela proximidade física com o Palácio das Princesas... e por aquelas travestis cantando.

Uma delas era a Olívia.

Brenda Lee e o Palácio das Princesas

Olívia Lopes: Lembra, Brenda, quando disse que o destino sorriria pra mim?

Assim te aparecia por fora pedra fria

Depois saiu de cena e a surpresa por fim...

Olívia Lopes: Brenda Lee é uma obra muito especial pra mim, porque eu considero até hoje o melhor trabalho da minha vida.

Dani Avelar: Faz 10 anos que a Olívia é atriz.

Olívia Lopes: Se não me engano, foi o meu quarto papel pós-transição de gênero. E minha transição tem seis anos, então a maioria das coisas que eu interpretei na vida foi sob uma ótica cis.

Dani Avelar: Cis é o termo usado pra descrever quem que se identifica com o gênero atribuído no nascimento. Então, na ótica cis, a Olívia interpretava papéis binários, que não foram criados pra atrizes trans. No começo da transição, ela se afastou um pouco dos palcos. Até que ela ficou sabendo do Brenda Lee...

Olívia Lopes: Eu lembro de ver o anúncio e falar: "eu podia mandar, né. Será que eu mando?" Aí: "não vou passar, não vou mandar, não vou, não vou." Aí eu mandei no último dia o material, mandei no último dia, assim, muito tarde da noite, sabe? Eu tava... era... Eu não acreditava que eu podia passar. E aí eu passei e fui passando pelas etapas de seleção. Foi passando, fui passando. Foram seis etapas de seleção, e eu lembro de receber o "sim" assim, de ficar muito emocionada, de ligar para três amigos e amigas, que eram as pessoas pra quem eu tinha contado. Eu não contei pra quase ninguém que eu estava fazendo audição.

Dani Avelar: O medo da Olívia de não passar é normal nesse mundo dos musicais. A concorrência é altíssima e ela já tinha tomado alguns "nãos" depois da transição. Antes, numa lógica cis, a voz da Olívia incomodava algumas pessoas – mas tinha um espaço nos palcos.

Mas, como uma mulher trans, ficou mais difícil encontrar papéis nos quais ela coubesse.

Brenda Lee é um musical sobre travestis.

Com uma produção que quis escalar atrizes e cantoras trans. Nem sempre é isso que acontece.

Tem alguns casos famosos de personagens trans que foram interpretados por pessoas cis.

Olívia Lopes: *A Garota Dinamarquesa*, o exemplo mais famoso do mundo, assim, sabe, foi interpretado por um homem cis, é uma pessoa trans. Foi um filme que foi indicado ao Oscar. Olha a visibilidade que uma pessoa trans deixou de ter porque uma pessoa cis interpretou.

Dani Avelar: Talvez você esteja pensando: "pô, mas isso é arte". E a arte tem que ser livre pra fazer o que quiser. Eu concordo.

Mas será que isso vale pra qualquer coisa? Pensa, por exemplo, no blackface – quando atores brancos se pintavam de preto, com carvão ou tinta, pra interpretar personagens negros. Em geral, de um jeito caricato. Hoje em dia, é inquestionável que isso é um absurdo. Não faz sentido botar uma pessoa branca pra interpretar o papel de uma pessoa negra. E por que faz sentido botar uma pessoa cis pra interpretar o papel de uma pessoa trans?

Olívia Lopes: A gente não pode interpretar personagens cis. Mas eles podem interpretar personagens trans e são premiados por isso. Pelo amor de Deus. E é isso também, esse entendimento também, Dani, de que se for para interpretar um personagem cis, eu não quero interpretar um personagem cis. Eu quero interpretar aquela personagem como se ela fosse travesti naquela obra. Eu quero adaptar! E começar a enxergar a realidade desse jeito.

Dani Avelar: Você já perdeu oportunidade de trabalho por causa da sua voz?

Olívia Lopes: Já. Que já foi, foi recente. Eu não vou falar qual foi a produção pra isso não... não quero gerar um problema, mas eu fui descartada por conta da minha voz, porque eu não atingia a nota XYZ que eles precisavam que eu atingisse assim. O que me chateia é a falta de esforço em adaptar. É uma obra, dá pra adaptar. A gente está falando de arte, a gente está falando de questionar padrão. Até quando a gente vai ficar reforçando o padrão? Nós artistas ou nós, classe comunicadora, pessoas que querem comunicar, pessoas progressistas. Até quando a gente ficar reforçando o padrão? Não dá mais. Eu posso até ter perfil para fazer determinada personagem. Só que essa personagem não foi imaginada para ser interpretada por uma pessoa trans, por uma travesti. Ela foi imaginada para ser interpretada por uma pessoa cis. Então, se a minha voz não atingir a nota XYZ, um fá na quinta escala sustentado, se eu não atingir essa nota, eu não vou fazer a personagem. Porque a personagem pede essa nota.

Dani Avelar: Veja bem: a personagem só tem que alcançar essa nota porque existe uma expectativa do que é uma voz masculina e do que é uma voz feminina... e aí isso se transforma numa regra. Numa coisa escrita em pedra, que limita até mesmo gente que se acha muito progressista.

Olha a própria Olívia. Antes da transição, a voz dela era “fina demais”. Depois da transição, a voz dela é “grossa demais”. Não tem como ganhar, né? Só explodindo as caixinhas mesmo. Mas elas tão por toda parte.

A nossa sociedade tem as caixinhas de homem e de mulher. A música tem suas próprias caixinhas de homem e mulher – soprano, contralto, mezzo-soprano,

contratenor, tenor, barítono... E a voz trans pode ajudar a bagunçar esse coreto. No melhor sentido. A Olívia, por exemplo, não se identifica com nenhuma dessas categorias vocais. A voz dela é o que é, e pronto. E tem gente que desafia caixinhas de outros jeitos.

[Voz barítona cantando ópera]

Dani Avelar: Essa é a voz da Lucia Lucas, a primeira pessoa trans a fazer um papel principal numa ópera nos Estados Unidos. Antes da transição, ela era barítona – que é a segunda categoria mais baixa, mais grave, das vozes "masculinas", entre aspas. E depois da transição a voz dela é... barítona também. Por que não? A Lucia já fez papéis numa ótica cis, papéis pensados pra homens ou mulheres cis. Mas ela também deve estrelar numa adaptação de A garota dinamarquesa pra ópera – ou seja, uma cantora trans fazendo uma protagonista trans, com uma voz trans em primeiro plano.

Minha conversa com a Olívia acabou me levando pro lado da voz na música. Mas não é só no canto que a voz é uma questão, né.

Pensando bem... o que eu queria agora não era ser chamada de "princesa" no telefone.

Eu queria que as pessoas parassem de pensar na voz em termos binários. Que não existisse só uma voz X ou Y. Uma mulher pode ter voz grossa. Um homem pode ter voz fina. Ou, ainda, pode ser uma pessoa não binária. Se você escutar e ficar em dúvida, pergunta. Como você gostaria que eu te tratasse? Com pronomes femininos, masculinos ou neutros?

Porque não é o tom da nossa voz que define a nossa identidade de gênero. Eu não queria sofrer transfobia por causa da minha voz.

Eu queria que as pessoas naturalizassem mais a voz de pessoas trans. Essa voz que eu vou chamar aqui de XYZ. Seja barítona, soprano, ou todas as coisas sem nome, ou que a gente ainda não aprendeu a nomear, que ficam no meio.

Essa é a minha voz.

Branca Vianna: Essa foi a nossa colaboradora Dani Avelar, que é repórter da Folha de São Paulo.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta.

Não deixa de seguir o programa no seu tocador de podcast preferido, pra você não perder nenhum episódio.

E se você tá chegando agora, os episódios não ficam velhos, não, dá pra voltar e maratonar, que as histórias valem a pena.

A gente tá sempre querendo alcançar novos ouvidos. Então, se você gostou do que ouviu por aqui, cê pode ajudar a gente nessa missão.

Quando você dá 5 estrelas no tocador de podcast, quando você recomenda o podcast pra amigos, tudo isso é uma mão na roda.

No nosso site, radionovelo.com.br, você consegue ver material extra pra cada episódio que a gente solta.

Pra essa semana, tem o link pra assistir à peça que a Olívia fez, por exemplo. E, quando você passar lá no site, aproveita também pra assinar também a nossa newsletter.

Se você quiser escrever pra gente, pra mandar uma história, ou contar o que você tá achando, o nosso email é apresenta@radionovelo.com.br. Cê também pode só marcar a gente nas redes, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Toda quinta-feira tem episódio novo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos.

Nesse episódio, a gente usou música original de Luna França e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro.

O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Gabriel Medeiros e da Laura Camaratta.

Obrigada, e até a semana que vem.